

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

LAUDO TÉCNICO N ° 41/ 2015

PAAF n° 0024.13.004341-7



1- CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em 22 de julho de 2015 foi realizada vistoria técnica no Distrito de Rio das Mortes, município de São João Del Rei pela analista do Ministério Público, a historiadora Neise Mendes Duarte. A vistoria foi acompanhada pelo sr. Luiz Antônio Sacramento Miranda, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei .

O objetivo deste laudo é analisar o valor cultural das ruínas da antiga capela onde Nhá Chica foi batizada e propor medidas para proteção do sítio arqueológico.

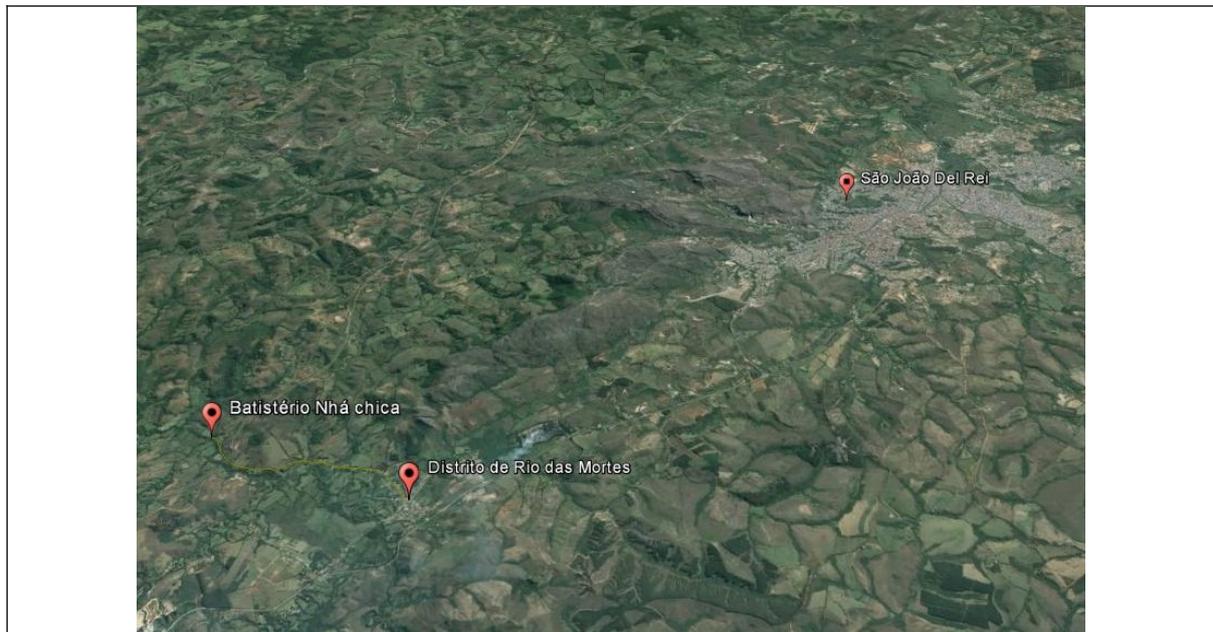


Figura 01- Imagem coletada no software *GoogleEarth*, com a indicação de São João Del Rei, do

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Distrito de Rio das Mortes e do Batistério de Nhá Chica. Fonte:GOOGLEEARTH, 2014.
Data da imagem: 29-04-2014.

2- METODOLOGIA

Para elaboração deste laudo foram utilizados os seguintes procedimentos técnicos:

- Vistoria nas ruínas da antiga capela onde Nhá Chica foi batizada, com registro fotográfico.
- Informações constantes do PAAF nº 0024.13.004341-7.
- Informações levantadas através de pesquisa bibliográfica relativa a São João Del Rei e a Nhá Chica.

3- DESCRIÇÃO HISTÓRICA

3.1- BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL REI¹

São João del Rei é conhecida como um entroncamento de caminhos, desde a expedição de Fernão Dias, que em 1674 abriu a trilha mais tarde conhecida como o Caminho Velho (de São Paulo à Minas). Nos últimos anos do século XVII, o taubateano Tomé Portes del Rei estabeleceu-se à beira deste caminho, cobrando pedágio na passagem do Rio das Mortes, cultivando roças e criando gado. Posteriormente o chamado Caminho Novo, que vinha do Rio de Janeiro, também passava pela atual São João del Rei, palco de fatos históricos nacionais, como a Guerra dos Emboabas e Inconfidência Mineira

A cidade de São João del Rei originou-se do antigo Arraial Novo do Rio das Mortes. A ocupação do arraial remonta a 1704, quando um paulista chamado Lourenço Costa descobre ouro no ribeirão de São Francisco Xavier.

Algum tempo depois, o português Manoel José de Barcelos encontrou mais ouro na encosta sul da Serra do Lenheiro, num local chamado Tijuco. Naquele local estabeleceu-se o primeiro núcleo de povoamento que daria origem ao Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, mais tarde Arraial Novo do Rio das Mortes.

Já bastante próspera, em 1713 a localidade é elevada a vila e recebe o nome de São João del-Rei em homenagem a Dom João V, rei de Portugal. No ano seguinte, é nomeada sede da Comarca do Rio das Mortes. Desde os tempos de sua formação, desenvolve-se aí uma vasta produção mercantil e de gêneros alimentícios, resultantes tanto da atividade agrícola, quanto da pecuária. Essa faceta vai possibilitar o contínuo crescimento da localidade, que não sofre grandes perdas com o declínio da atividade aurífera, verificado em toda a Capitania das Minas Gerais a partir de 1750.

¹ Informações extraídas do site da Prefeitura Municipal de São João Del Rei, site do IBGE, site www.saojoaodelreitransparente.com.br e dossiês de tombamento de imóveis da cidade.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 06 – Primeiro registro de São João Del Rei. Aquarela de Rugendas. Expedição Langsdorff ao Brasil. 1824. Fonte : Disponível em www.saojoaodelreitransparente.com.br

Nessa época a crise do sistema colonial agrava-se. A exploração do ouro entra em franca decadência, e a Coroa Portuguesa continua a exigir pesados impostos da população. Essa situação conflitante faz crescer o nível de consciência de setores intermediários da sociedade, levando padres, militares, estudantes, intelectuais e funcionários das principais vilas mineiras, como São João del-Rei, Tiradentes e Vila Rica, a conspirar contra a metrópole.

Em poucos anos, o movimento conhecido como Inconfidência Mineira toma corpo e ganha adeptos em cada arraial e vila da Capitania das Minas Gerais. Grandes planos são traçados tendo em vista a produção de bens de consumo aliada à liberdade comercial, o que descartaria a política monopolizadora da metrópole. A Vila de São João del-Rei é escolhida para abrigar a nova capital. Porém, em 1789 o movimento é frustrado pela denúncia do coronel Joaquim Silvério dos Reis, devedor de somas altíssimas à Fazenda Real.

Graças à vocação comercial de São João del-Rei, a sua feição colonial não é a mesma das demais Vilas mineradoras da época. Já em princípios do século XIX, ela se mostra amadurecida comercialmente: lojas instaladas em elegantes casarões oferecem todo tipo de mercadoria, desde as produzidas na comarca até as importadas. O movimento de passantes, caixeiros-viajantes, mulheres e crianças circulando pelas ruas confere-lhe um aspecto alegre e colorido. Também é precoce o surgimento da imprensa, assinalado pela fundação, em 1827, do 'Astro de Minas', o segundo jornal de Minas Gerais na época.

Em 1838 a progressista Vila de São João del-Rei torna-se cidade. Nessa época, possuía cerca de 1.600 casas, distribuídas em 24 ruas e 10 praças. Ainda no século XIX, contava com casa bancária, hospital, biblioteca, teatro, cemitério público construído fora do núcleo urbano, além de serviços de correio e iluminação pública a querosene.

Desenvolve-se, ainda mais, com a inauguração em 1881 da primeira seção da Estrada de Ferro Oeste-Minas, que liga as cidades da região a outros importantes ramais da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1893 a instalação da Companhia Industrial São Joanense de Fiação e Tecelagem traz novo impulso à economia local, a tal ponto que a cidade é novamente indicada para sediar a capital de Minas Gerais. Em junho do mesmo ano, o Congresso Mineiro

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Constituinte aprova, em primeira discussão, a mudança da capital para a região da Várzea do Marçal, subúrbio de São João del-Rei. Mas, numa segunda discussão, o projeto inclui Barbacena e também Belo Horizonte, um planalto localizado no Vale do Rio das Velhas, onde existia o antigo Arraial do Curral del-Rei.

Com a escolha da região do Curral del-Rei em dezembro de 1893, a importância econômica de São João del-Rei diminui gradativamente. Mas a cidade não perde seu charme colonial, sendo motivo de atenção dos modernistas brasileiros, que a visitam em 1924. Ela é registrada na obra de algumas das figuras mais representativas do movimento, como a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Oswald de Andrade.

A formação peculiar da cidade, que evoluiu de arraial minerador para importante pólo comercial da região do Campo das Vertentes, é responsável por sua característica mais interessante: uma mescla de estilos arquitetônicos que tem origem na arte barroca, passa pelo ecletismo e alcança o moderno.

Na cidade nasceram grandes heróis nacionais: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes - o Mártir da Independência e Patrono Cívico da Nação Brasileira; Bárbara Heliodora Guilhermina da Silva - a heroína da Inconfidência; e o ex-presidente Tancredo Neves.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 07 – Trecho de mapa da Comarca do Rio das Mortes, com a indicação de São João. Fonte: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=251. Acesso 17-07-2015.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 08 – Vista antiga de São João Del Rei- 1880-189-0. Fonte: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=30128 . Acesso 17-07-2015.

3.2- BREVE HISTÓRICO DE NHÁ CHICA E DA ANTIGA CAPELA DE SANTO ANTÔNIO DO RIO DAS MORTES PEQUENO

Francisca de Paula de Jesus, a Nhá Chica, nasceu em 1808, na Fazenda Porteira dos Vilelas, em Santo Antônio do Rio das Mortes, distrito de São João Del Rei².

Filha natural de Izabel Maria, Francisca de Paula foi batizada em 26 de abril de 1810 na Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Seus padrinhos foram Ângelo Alves e Francisca Maria Rodrigues. Em assentamento do livro 1808/1818, verso, página 300, da Catedral do Pilar, consta o Batistério de Nhá Chica, transcrito a seguir:

Aos vinte e seis de abril de mil oitocentos e dez, na capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, filial desta Matriz de São João Del Rei, de licença, o reverendo Joaquim José Alves batizou e pôs os Santos Óleos a Francisca, filha natural de Isabel Maria. Foram padrinhos Ângelo Alves e Francisca Maria Rodrigues³.

A partir do Batistério de Izabel Maria, mãe de Francisca de Paula, pode ser traçada uma breve genealogia de Nhá Chica. Consta do referido documento que:

² Segundo nota de José Antônio de Ávila Sacramento, no artigo intitulado “Nhá Chica”, a santa do Rio das Mortes, disponível em http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/080030230710_Francisca_Paula_de_Jesus_-_Nha_Chica.pdf, Antônio Gaio Sobrinho escreveu que Nhá Chica nasceu no local denominado Sítio do Atalho, onde ocorrem também os nomes de Morro do Cascalho e Porteira dos Villelas.

³ GONÇALVES, Orestes Campos e FERREIRA, Agenor Ribeiro. **Nhá Chica: Biografia**. Belo Horizonte, 2012.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Aos treze de ano de 1782, na Capela de Cajuru, filial desta matriz, o Reverendo Capelão Gonçalo Ribeiro Britto batizou e pôs os santos óleos a Izabel, filha de Rosa Benguela, solteira, escrava de Costódeo Ferreira Braga. Foram padrinhos Quintino e Fautina, pardos, solteiros, escravos de dona Quitéria Corrêa de Almeida, todos desta Freguesia.

O termo Benguela, utilizado como sobrenome para a avó de Nhá Chica, se refere a uma região africana, localizada no sul de Angola. Pode-se concluir, portanto, Francisca de Paula era filha e neta de escravas. Nenhum documento que mencione o pai de Nhá Chica foi encontrado. Dadas as características físicas de Francisca de Paula, infere-se que, possivelmente, seu pai teria sido um homem branco, que poderia ser um fazendeiro ou feitor⁴.

Por volta 1818, ainda menina, Francisca de Paula mudou-se com sua mãe Izabel Maria e seu irmão Teotônio para Baependi, que havia sido elevada à categoria de vila, quatro anos antes⁵. Não há consenso entre os historiadores sobre o motivo da mudança da família para Baependi. Sebastião Cintra afirma que a localidade foi escolhida, tendo em vista que parentes de Izabel Maria lá residiam⁶. No livro “Nhá Chica - A Pérola de Baependi” consta a informação de que “não há prova documental de que existissem parentes de Nhá Chica residindo em Baependi” e que “talvez Izabel, uma ex-escrava, tenha se mudado à procura de uma vida melhor em outra localidade.”⁷

Pouco depois da mudança para Baependi, Izabel Maria veio a falecer, deixando órfãs as duas crianças. Francisca de Paula cresceu em companhia do irmão e, embora ainda muito pequena, já manifestava profunda devoção a Nossa Senhora da Conceição.

Teotônio Pereira do Amaral, irmão de Nhá Chica, ocupou altos postos do poder político, judicial e militar da Vila de Baependi. Foi vereador, Juiz de Vintena e tenente da Guarda Imperial. Era ainda negociante⁸. Faleceu em 1861 deixando Nhá Chica como sua única herdeira.

Com uma herança recebida, 14 contos de réis, Nhá Chica mandou dourar o altar-Mor do Igreja Matriz de Nossa Senhora do Montserrat, em 1862, e deu início à construção da Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição em 1865. As obras foram realizadas ao longo de 30 anos, contando com doações de todos que a admiravam.⁹

Em 08 de julho de 1888, sete anos antes de sua morte, Nhá Chica fez seu testamento. Por não saber ler nem escrever o documento foi lavrado, assinado e aprovado pelo tabelião Manoel Moreira de Figueiredo. Neste documento, Nhá Chica traçou orientações para seu funeral e procedeu à destinação de seus bens.

⁴ COSTA, Fafete e NICOLIELLO, Zezeth(orgs.). **A Entrevista de Nhá Chica**. Veredas comunicação, sem data.

⁵ Ibidem, p. 39.

⁶ CINTRA, Sebastião O. **Galeria das Personalidades Notáveis de S. João Del-Rei**. São João Del Rei, 1994.

⁷ http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/080030230710_Francisca_Paula_de_Jesus_-_Nha_Chica.pdf. Acesso 07-08-2015.

⁸ GONÇALVES, Orestes Campos e FERREIRA, Agenor Ribeiro. **Nhá Chica: Biografia**. Belo Horizonte, 2012.

⁹ COSTA, Fafete e NICOLIELLO, Zezeth(orgs.). **A Entrevista de Nhá Chica**. Veredas comunicação, sem data.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 09 – Foto de Nhá Chica publicada em 1894. Fonte: COSTA, Fafete e NICOLIELLO, Zezeth(orgs.). **A Entrevista de Nhá Chica**. Veredas comunicação, sem data.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Figura 10 – Antiga Capela construída por Nhá Chica. Fonte: LEFORT, Mons. José do Patrocínio. **Francisca de Baependi carinhosamente chamada Nhá Chica**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1992.

Nhá Chica faleceu em 14 de junho de 1885, com 87 anos de idade. Seu corpo foi velado entre os dias 14 de 15 de junho de 1885 na Matriz de Nossa Senhora de Montserrat. No dia 16, foi levada em procissão até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no interior da qual foi sepultada no dia 18. Segundo relatos de pessoas que estiveram no velório de Nhá Chica, exalou-se de seu corpo um misterioso perfume de rosas (fato atribuído a vários santos da Igreja Católica)¹⁰.

Com uma vida dedicada à fé e à caridade, Nhá Chica foi chamada ainda em vida de “A Santa de Baependi”, sendo respeitada por todos que a procuravam.

Em 1957, foi criada uma instituição filantrópica para dar continuidade à obra de Nhá Chica. A atual Associação Beneficente Nhá Chica atende crianças órfãs ou desprotegidas e se mantém com doações de romeiros e turistas¹¹.

Em 1993, a Diocese de Campanha e a comunidade baependiana provocaram a instauração da causa de canonização de Nhá Chica.

Em 18 de junho de 1998, os restos mortais de Nhá Chica foram exumados e trasladados do túmulo original para uma urna de mármore que está na mesma igreja. O túmulo é visitado e venerado por pessoas de todo o Brasil e até do exterior. Segundo as declarações de Dom Diamantino Prata de Carvalho, bispo de Campanha, que estava presente à exumação de Francisca de Paula de Jesus, um perfume como de rosas provinha do túmulo dela¹².

Dentre diversos fatos milagrosos atribuídos a Nhá Chica, um deles foi decisivo no processo de sua beatificação. Em 28 de junho de 2012, o Papa Bento XVI reconheceu o milagre que Nhá Chica realizou ao restabelecer a saúde da professora Ana Lúcia Meireles Leite. A professora narrou que possuía um defeito congênito no coração e teria que passar por uma cirurgia que chegou a ser marcada. No entanto, três dias antes da data marcada, teria tido uma febre que a impediu de passar pelo procedimento. Segundo Ana Lúcia, tudo isso teria ocorrido “sobre proteção de Nhá Chica”. O retorno ao médico se deu seis meses para realização dos exames pré-operatórios, quando foi constatado que ela estava completamente curada. Estes fatos ocorreram no ano de 1995.

Nhá Chica foi beatificada em 04 de maio de 2013 em cerimônia presidida pela Santa Sé, na cidade de Baependi. A celebração da Beatificação de Nhá Chica recebeu milhares de pessoas vindas de diversas partes do país.

¹⁰ GONÇALVES, Orestes Campos e FERREIRA, Agenor Ribeiro. **Nhá Chica: Biografia**. Belo Horizonte, 2012.

¹¹ http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/080030230710_Francisca_Paula_de_Jesus_-_Nha_Chica.pdf. Acesso 07-08-2015.

¹² Ibidem.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 11 – Túmulo de Nhá Chica em Baependi no dia de sua beatificação. Fonte: <http://www.nhachica.org.br/sobre-a-nha-chica-processo-de-beatificacao.php>. Acesso 07-08-2015.

Em São João Del Rei e no Distrito de Rio das Mortes, o culto a Nhá Chica também sempre esteve presente.

Em 2013, poucos dias antes da beatificação, um grupo do Distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno tinha como objetivo a instalação de uma réplica da pia batismal no sítio denominado Igreja Velha, onde foi batizada Nhá Chica. A pia original está na igreja edificada em 1876, a três quilômetros da antiga. Durante os trabalhos, as ferramentas alcançaram as pedras e sob a terra estava o piso original do batistério da antiga capela, inclusive com a marca de onde a pia ficava¹³.

Sobre a antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno há registros de que, no ano de 1722, instalou-se o Compromisso da Irmandade de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. No local, teriam se casado, em 29 de junho de 1724, Júlia Maria da Caridade e Diogo Garcia da Cruz (ela, ilhoa do Faial, arquipélago dos Açores), que se constituíram em importante tronco de uma descendência enorme, que se espalhou pelo território mineiro, São Paulo, Goiás e outros¹⁴.

¹³

http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/080853120513_Ruinas_do_piso_da_Igreja_Rio_das_Mortes_Pequeno_-_Sao_Joao_del-Rei_-_MG.pdf. Acesso 07-08-2015.

¹⁴ Ibidem.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 12 – Capa do Livro de Compromisso da Irmandade de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, de 1722. Fonte: Documentação encaminhada a esta Promotoria pelo pesquisador Osni Paiva.

Nas visitas pastorais realizadas entre 1821 e 1825 por Dom Frei José da Santíssima Trindade, também há referências sobre a Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Na quarta visitação no ano de 1824 pela Comarca do Rio das Mortes, mais especificamente à Freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João Del Rei, consta que:

A capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno dista da matriz 2 léguas, da de São Gonçalo do Brumado 3 e da do Cajuru 4. Tem 616 a 620 almas de confissão; o capelão é justo pelo povo e, 150\$000 réis e paga pensão 12\$000.¹⁵ (p. 238).

Capela curada de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno- Não se conhece informações históricas sobre a data e iniciativa de construção do templo. Sabe-se que, em 1832, foi declarada capela curada da freguesia de São Miguel do Cajuru, que havia sido desmembrada

¹⁵ TRINDADE, José da Santíssima. Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

da freguesia de São João del-Rei naquele ano. Em julho de 1876 foi elevada a paróquia. O antigo povoado do Rio das Mortes é hoje distrito de mesmo nome, do município de São João del-Rei¹⁶.

Em **Efemérides de São João del-Rei**, de Sebastião O. Cintra, destaca-se as seguintes menções à Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno:

22 de agosto

[...]

1833- Publica Astro de Minas, desta data, o aviso seguinte: O Rev. Izidoro Côrrea de Carvalho se acha provido de Vigário encomendado da Freguesia de S. Miguel do Cajuru, a qual foi criada pelo Decreto de 14 de julho de 1832, sendo suas filiais as Capelas de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, Madre de Deus, Piedade, Onça, e o Distrito do Elvas; por isso faz ciente para que d'ora em diante os mesmos seus Paroquianos procurem quanto lhes for mister tanto de Sacramentos, como certidões e mais papéis relativos ao seu ministério". S. Miguel do Cajuru (Arcângelo) foi Capela Filial de S. João del-Rei até 07-08-1833, data da provisão Episcopal que instituiu canonicamente a citada freguesia¹⁷.

27 de agosto

[...]

1817- D. Manoel de Portugal e Castro, Governador da Capitania, concede a José da Silva Braga a patente de Alferes da Ordenança do Distrito da Capela de Sto. Antônio do Rio das Mortes Pequeno.

Segundo Osni Paiva, artista plástico de São João Del Rei e autor da imagem oficial de Nhá Chica, além das ruínas remanescentes da primitiva capela, ainda se encontram preservadas as quatro colunas salomônicas que adornam o retábulo da capela-mor nova igreja de Rio das Mortes e a pia batismal de granito, também transferida para o novo templo. Seriam também oriundas da primitiva capela as imagens de Santo Antônio, São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora do Rosário¹⁸.

Com base no modelo de arquitetura sacra de origem portuguesa, que foi largamente adotado nas vilas e povoados do território mineiro, Osni Paiva elaborou uma planta baixa da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, que seria retangular, de nave única, capela-mor, capela do Santíssimo Sacramento e sacristia, tudo sobre base de pedra.¹⁹

¹⁶ Ibidem, p. 382.

¹⁷ CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. 2a ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1992. 2v.

¹⁸ Ficha de Inventário, elaborada pela Prefeitura Municipal de São João Del Rei, 2015.

¹⁹ Ficha de Inventário, elaborada pela Prefeitura Municipal de São João Del Rei, 2015.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

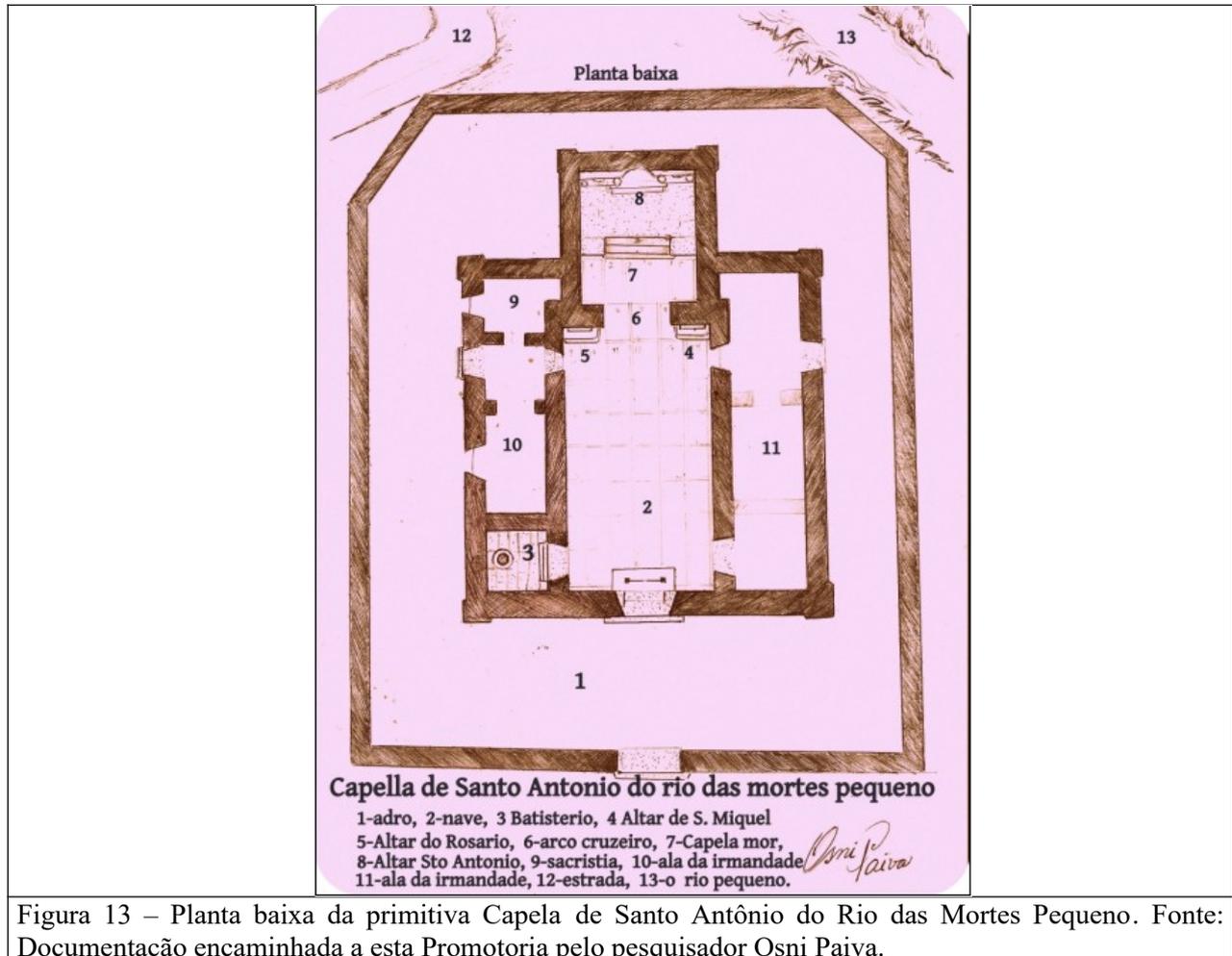


Figura 13 – Planta baixa da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fonte: Documentação encaminhada a esta Promotoria pelo pesquisador Osni Paiva.

Como a primitiva Capela foi erguida muito próxima ao Rio das Mortes Pequeno, atualmente só é possível observar as ruínas do alicerce em pedra sob aterro feito naturalmente ao longo do tempo devido às enchentes.

As ruínas da primitiva capela se localizam numa propriedade particular, no Distrito de Rio das Mortes, que fica a cerca de 13,5 Km do centro histórico de São João Del Rei.

Com a beatificação de Nhá Chica, o distrito que já era freqüentado por devotos, tornou-se local de peregrinação, que, sobretudo aos fins de semana, recebe um grande número de visitantes. Por iniciativa da comunidade local, uma nova capela está sendo construída nas proximidades do sítio arqueológico.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

4- ANÁLISE TÉCNICA

Na data da vistoria, partiu-se do centro histórico de São João Del Rei em direção ao Distrito de Rio das Mortes pela rodovia BR 265. O acesso ao povoado se dá por um trevo onde foi implantado um monumento dedicado a Nhá Chica.



Figura 14 – Trevo de acesso ao Distrito de Rio das Mortes Pequeno. Foto da vistoria 22-7-2015.

Verificou-se na via principal do Distrito de Rio das Mortes a presença de sinalização indicativa dos locais onde Nhá Chica nasceu e foi batizada. Após se percorrer o trecho asfaltado da via principal, segue-se por uma estrada de terra que passa debaixo de viadutos da Ferrovia do aço. Neste trecho de estrada terra, verificou-se, a sinalização relativa ao sítio histórico se intensificou. Vale ressaltar, a presença de totens que trazem inscrição das virtudes de Nhá Chica, como temperança, caridade e justiça.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

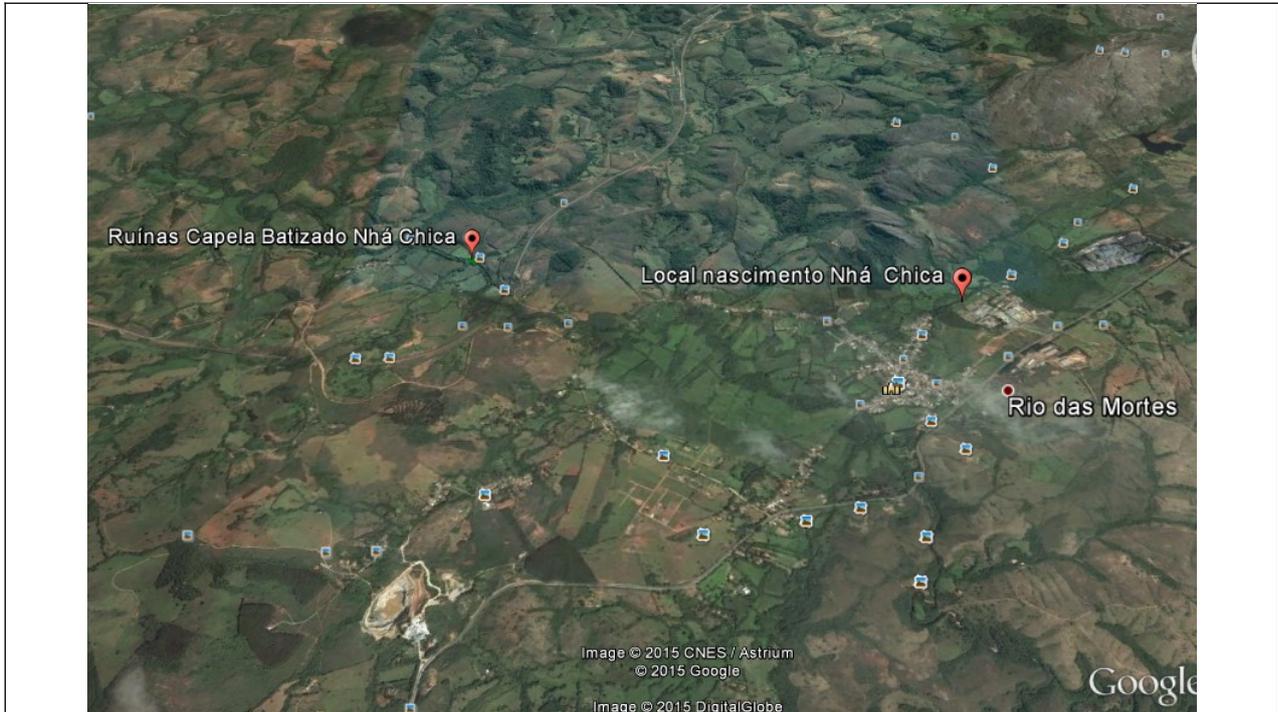


Figura 15- Imagem coletada no software *GoogleEarth*, com a indicação dos locais onde Nhá Chica nasceu e foi batizada, no Distrito de Rio das Mortes Pequeno. Fonte:GOOGLEEARTH, 2015. Data da imagem: 14-1-2015.



Figuras 16 e 17 – Sinalização indicativa dos locais onde Nhá Chica nasceu e foi batizada, no Distrito de Rio das Mortes. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 18 e 19 – Sinalização indicativa dos locais onde Nhá Chica nasceu e foi batizada, no Distrito de Rio das Mortes Pequeno. Na 2ª imagem um dos totens com inscrição das virtudes de Nhá Chica. Fotos da vistoria 22-7-2015.

A área onde estão localizadas as ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno encontra-se delimitada por cerca de arame farpado, contando com duas entradas, uma tronqueira e uma porteira, que permitem o livre acesso ao sítio.



Figuras 20 e 21 – Entradas que permitem o livre acesso ao sítio histórico das ruínas da antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Na 2ª imagem um dos totens com inscrição das virtudes de Nhá Chica. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Promotora Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Podem ser identificados na área alicerces de pedra, paredes de adobe e fragmentos de pisos antigos de pedra.



Figuras 22 e 23 – Vestígios arqueológicos da antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fotos da vistoria 22-7-2015.

No local que foi escavado pelo grupo de pessoas para instalação de uma réplica da pia batismal concentram-se os vestígios de maior visibilidade no sítio. Destaca-se a parede de adobe, que está coberta com lona preta, e trecho remanescente de piso antigo de pedra.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 24, 25, 26, 27 e 28 – Área do sítio histórico da antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, onde foi implantada uma réplica da pia batismal. Destacam-se a parede de adobe e fragmentos de piso antigo de pedra. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Foi implantada na área onde ficava a primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno sinalização indicativa dos altares que teriam existido no antigo templo. Na imagem abaixo, as setas indicam Altar de Santo Antônio (no centro), Altar do Rosário e Altar de São Miguel (nas laterais).



Figura 29– Área da antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, onde foi implantada sinalização indicativa dos altares que existiram no templo. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Verificou-se a presença de uma nova capela, em estágio avançado de construção, na área do sítio histórico. Segundo informações orais, a iniciativa de construção da capela partiu da própria comunidade do Distrito de Rio das Mortes.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 30, 31, 32 e 33 – Edificação de uma nova capela na área das ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Outras intervenções que, ao que tudo indica, visam dar suporte aos visitantes que se dirigem ao local, também foram verificadas na área do sítio histórico. Destaca-se, inclusive, a presença de sanitários.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 34 e 35 – Outras intervenções na área das ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fotos da vistoria 22-7-2015.

A existência de um livro de visitas e a presença de diversas manifestações de fé (flores, velas queimadas) confirmou que o sítio histórico da antiga Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno é muito frequentado por devotos de Nhá Chica.



Figuras 36 e 37 – Livro de visitantes existente no sítio histórico da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fotos da vistoria 22-7-2015.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 38 e 39 – Presença de flores e velas queimadas no sítio histórico da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Fotos da vistoria 22-7-2015.

É importante ressaltar que a colocação aleatória de velas constitui-se numa ameaça à integridade das ruínas e, portanto, precisa ser disciplinada.

Visitou-se ainda no Distrito de Rio das Mortes o lugar apontado como local do nascimento de Nhá Chica. Uma pequena capela foi erguida na área que conta também com uma bica e um marco da Estrada Real.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 40, 41, 42 e 43 – Capela, bica e marco da Estrada Real existentes no lugar apontado como local do nascimento de Nhá Chica, no distrito de Rio das Mortes. Fotos da vistoria 22-7-2015.

5- FUNDAMENTAÇÃO

O patrimônio cultural e o patrimônio natural estão cada vez mais ameaçados de destruição tanto pela degradação natural do bem quanto pelas alterações sofridas devido a crescentes demandas sociais e econômicas. A preservação do patrimônio cultural permite que a memória e a identidade das populações se perpetuem através do tempo, podendo ser conhecidas pelas gerações futuras.

Não são raros os casos em que a destruição de sítios arqueológicos ocorrem em decorrência de interesses econômicos e atividades turísticas que provocam, além de graves impactos ambientais, a perda irreparável de um patrimônio que abriga importantes vestígios da ocupação humana, comprometendo a história das comunidades locais.

O desaparecimento ou a degradação do patrimônio cultural constitui no empobrecimento do patrimônio municipal, e conseqüentemente o estadual e federal. **No caso das ruínas da Capela onde Nhá Chica foi batizada é presente esta ameaça, uma vez que a ausência de mecanismos adequados de gestão, impõe graves riscos à riqueza arqueológica da área.**

Deve-se considerar que o patrimônio arqueológico constitui testemunho essencial sobre as atividades humanas do passado. Portanto, sua preservação é indispensável não apenas em

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

nome das gerações futuras, como também do ponto de vista da produção do conhecimento científico.

A Lei nº 3924/1961 dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos no Brasil, estabelecendo regras para proteção deste patrimônio em todo território nacional. O aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, antes de serem devidamente pesquisados, são proibidos por esta legislação. **Dada a relevância de Nhá Chica para a religiosidade do Estado, as ruínas da antiga capela onde a beata foi batizada devem ser preservadas.**

De acordo com o art. 216, V, da Constituição Federal de 1988 “*os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico*” incluem-se como integrantes do patrimônio cultural brasileiro, e, por isso, ficam sujeitos a um regime especial de proteção que visa a sua preservação.

De acordo com a Carta de Laussane:²⁰

Art. 2º- O patrimônio arqueológico é um recurso cultural frágil e não renovável. Os planos de ocupação do solo decorrentes de projetos desenvolvimentistas devem, em conseqüência, ser regulamentados, a fim de minimizar, o mais possível, a destruição deste patrimônio(...)

Art. 3º- (...) A legislação deve garantir a conservação do patrimônio arqueológico em função das necessidades da história e das tradições de cada país e região, garantindo amplo lugar à conservação *in situ* e aos imperativos da pesquisa

(...) A legislação deve proibir a destruição, degradação ou alteração por modificação de qualquer monumento, sítio arqueológico ou seu entorno, sem a anuência das instâncias competentes(...)

É importante ressaltar que patrimônio arqueológico-cultural está atraindo cada vez mais o interesse de visitantes que buscam conhecer os vestígios remanescentes de sociedades pretéritas. Neste sentido, as atividades turísticas, que, no caso em caso, envolve, sobretudo, aspectos religiosos, podem se tornar importante instrumento para proteção, valorização e divulgação do sítio histórico, além de contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico da comunidade onde se encontra inserido.

Sendo assim, as ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno podem ser tornar grande atrativo turístico para a cidade de São João Del Rei, agregando valor ao rico acervo arquitetônico tombado que o município possui. Obviamente, as atividades turísticas, inclusive de caráter religioso, devem ser planejadas sob a ótica da sustentabilidade, adotando-se práticas compatíveis com a preservação do patrimônio cultural.

6 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES

²⁰ Carta para Proteção e a Gestão do Patrimônio Arqueológico. ICOMOS/ICAHM. Laussane. 1990.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

As ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, onde Nhá Chica foi batizada, possuem valor cultural, ou seja, possui atributos e significados que justificam a sua preservação. Acumula valores paisagísticos, turísticos, históricos (de antiguidade), de testemunho, raridade e identidade. O Poder Público Municipal reconheceu sua importância, procedendo ao inventário do sítio histórico.

Não restam dúvidas de que o inventário das ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno significou um importante passo para a proteção do sítio histórico. **No entanto, a área necessita de mecanismos mais efetivos que assegurem uma gestão adequada do patrimônio arqueológico que abriga.** Cabe ao município e ao proprietário da área a adoção de medidas conjuntas para evitar danos que podem ser irreversíveis ao patrimônio arqueológico.

Sugere-se:

- Realização de pesquisa bibliográfica/documental, a fim de levantar informações sobre a cadeia dominial da propriedade onde estão inseridas as ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno e da propriedade onde Nhá Chica teria nascido. Paralelamente, devem ser desenvolvidas pesquisas arqueológicas, fundamentais para conhecimento da estrutura da edificação e para delimitação do sítio arqueológico;

- Proteção das ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, onde Nhá Chica foi batizada, por meio do tombamento específico, através de legislação municipal ou da elaboração do Dossiê de Tombamento, seguindo a metodologia proposta pelo IEPHA para que o bem possa fazer jus à pontuação referente ao ICMS Cultural. Deverão ser definidos os perímetros de tombamento e entorno, traçando diretrizes para a área.

- Elaboração de um Plano de Gestão e Conservação das Ruínas da primitiva Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, contemplando, sobretudo, a utilização religiosa do sítio, que recebe grande fluxo de visitantes, devotos de Nhá Chica. Como medida emergencial, sugere-se a criação de um local específico para queima de velas;

- Acompanhamento das obras de construção da nova capela pelos órgãos municipais de proteção ao patrimônio cultural, tendo em vista sua inserção no sítio arqueológico;

- Criação de espaços para estacionamento de veículos de modo que não interferiram na ambiência do sítio histórico. Não deverá ser permitida a circulação e o estacionamento de veículos no trecho da estrada que passa imediatamente no entorno do sítio. Sugere-se a utilização de grama, no entorno do sítio histórico, como forma de integrar o conjunto (ruínas e nova capela).

- Planejamento e execução de obras de drenagem na área do sítio histórico, cuja proximidade com o Rio das Mortes, torna a área vulnerável às enchentes.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

- **Monitoramento e controle da vegetação na área das ruínas. O crescimento exagerado de algumas árvores pode ocasionar risco de desmoronamento das estruturas. A queda ou o corte das árvores pode ameaçar a integridade das ruínas.**
- **Limpeza periódica da área das ruínas.**
- **Adoção de medidas de fiscalização e vigilância da área do sítio histórico, a fim de evitar ações nocivas ao patrimônio histórico-arqueológico, tais como retirada de pedra e prática de pichações.**
- **Maior articulação dos órgãos municipais de proteção ao patrimônio cultural de São João Del Rei com o proprietário da área onde o sítio está inserido, para planejar ações e colocar em prática medidas que garantam uma proteção mais efetiva da área.**

7- ENCERRAMENTO

São essas as considerações do Setor Técnico desta Promotoria, que se coloca à disposição para o que mais se fizer necessário.

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2015.

Neise Mendes Duarte
Analista do Ministério Público – Historiadora – MAMP 5011

